

## OS PRIMÓRDIOS DA WICCA NO BRASIL

Janluis Duarte<sup>1</sup>

Existem pressupostos teóricos e metodológicos na História que nem sempre são compreendidos por aqueles que não são profissionais da área. Aquilo que o historiador escreve não pretende (ou pelo menos não deveria pretender) ser *a verdade*, mas antes é *uma versão provisória da verdade*, baseada numa interpretação pessoal de dados que foram coletados ao longo de uma pesquisa. Essa versão poderá vigorar até que novas pesquisas, partindo de outras fontes ou de outras hipóteses, venham a se comprovar mais acertadas. Afinal, nesse ponto específico, a História não difere de outras ciências, chamadas inocentemente de *exatas*.

O que apresentarei a seguir, portanto, não pretende ser uma história definitiva da implantação e divulgação da Wicca no Brasil, mas unicamente a primeira tentativa de um historiador brasileiro de mapeá-la. Ou seja: é o resultado dos dados que pude coletar e das fontes que consultei. Talvez novos dados e novas fontes me levem a novas conclusões. Talvez outros pesquisadores, igualmente dispostos a lidar com assuntos inéditos e “malditos”, e trabalhando com outros conjuntos de dados e fontes, cheguem a conclusões diferentes das minhas, ou as confirmem.

O que se segue, dessa maneira, é menos uma busca por essa fugidia “verdade” e mais um relato que deve ser enquadrado – mantendo-se as devidas proporções – na categoria que o genial Jean-Pierre Vernant classificaria como uma história a ser contada a filhos e netos, ao pé da cama. daquelas que temos uma certeza íntima de ser verdadeira, mas que começa por “era uma vez”.

A Wicca é a mais significativa – e provavelmente a pioneira – entre as diversas religiões neopagãs surgidas na segunda metade do século XX. Foi sistematizada em fins da década de 1940 por um funcionário aposentado da Coroa Britânica com antigo interesse por ocultismo e folclore, chamado Gerald Gardner, e por seus seguidores imediatos. As bases sobre as quais se assentou essa sistematização são bem conhecidas:

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB) e professor de História Contemporânea e Teoria da História das Faculdades JK – DF.

ritos adaptados de sociedades herméticas, como a Golden Dawn, e obras de antropólogos e folcloristas de fins do século XIX e início do século XX, especialmente *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental*, de Margaret Murray, *Aradia, o Evangelho das Feiticeiras*, de Charles Leland e *O Ramo Dourado*, de Sir James Frazer.

Gardner alegava ter sido iniciado na “antiga religião da bruxaria” em 1939, depois de conhecer alguns membros de um *coven* em New Forest, Inglaterra. Não cabe aqui discutir a validade desta alegação<sup>2</sup>, no entanto o próprio Gardner afirmou, em suas obras sobre o tema<sup>3</sup>, que se deparara com uma “religião moribunda”, a qual se encarregou de revitalizar e divulgar, após a revogação dos últimos atos contra bruxaria na Inglaterra, em 1954. Segundo a antropóloga Sabina Magliocco<sup>4</sup>, a síntese de Gardner apoia-se em dois “mitos formadores”, que ela nomeia “o mito das origens paleolíticas”, ou seja, a ideia que a bruxaria seria uma antiquíssima religião dos povos da Europa Ocidental, e o “mito do tempo das fogueiras”, segundo o qual as bruxas perseguidas pela Inquisição seriam sacerdotisas remanescentes dessa religião, preservada oralmente desde a antiguidade.

A bruxaria neopagã de Gardner rapidamente angariou adeptos na Inglaterra e, ao ser introduzida nos Estados Unidos, na década de 1960, foi entusiasticamente abraçada pelos movimentos contraculturais. Ativistas do movimento feminista, como Miriam “Starhawk” Simos e Zsuzsanna Budapest, colaboraram na sua popularização ao apresenta-la como uma “religião da Deusa”, marginalizada e perseguida pelo cristianismo, a patriarcal “religião do Deus”. Em um episódio que se tornou lendário na cultura *pop*, o ídolo Jim Morrison, vocalista da banda *The Doors*, teria se casado em 1970 em uma cerimônia wiccanas com a sacerdotisa Patricia Kennealy.

Obviamente, tal exposição trouxe modificações à síntese original de Gardner, que preconizava um culto para poucos escolhidos, participando de *covens* de não mais de 13 membros, nos quais se ingressaria apenas por convite e após um processo mais ou menos longo de aprendizado e iniciação. Conscientemente ou não, as próprias lideranças wiccanas enganaram-se num processo de popularização da religião, simplificando ou abolindo normas em suas obras. O passo definitivo para tornar a Wicca uma religião de massas foi dado quando expoentes como Doreen Valiente,

---

<sup>2</sup> Um estudo detalhado sobre a vida e a obra de Gardner pode ser encontrado no livro *The Triumph of the Moon*, do prof. Ronald Hutton.

<sup>3</sup> *Bruxaria Hoje e O significado da Bruxaria*, ambos publicados no Brasil pela Editora Madras.

<sup>4</sup> Cf. MAGLIOCCO, Sabina. *Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in América*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

primeira sacerdotisa de Gardner, ou o casal Farrar, passaram a admitir nos seus livros a idéia da auto-iniciação, ou seja: qualquer pessoa interessada em praticar a Wicca poderia, por conta própria, realizar um rito solitário de “apresentação aos deuses” e tornar-se um wiccano.

No Brasil, o primeiro livro a ser publicado que falava sobre Wicca data de 1977. Chamava-se *A verdade sobre a Bruxaria* e sua publicação original em inglês datava de 1969. Seu autor era Hans Holzer, um pesquisador de fenômenos psíquicos que teve acesso próximo a pioneiros da Wicca na Inglaterra e nos EUA, como Sybil Leek e Alex Sanders. A obra de Holzer antecedia de alguns anos diversas obras clássicas de autores posteriormente consagrados e, talvez por essa precocidade, não obteve maior repercussão. Apesar de não ter conseguido junto a editora brasileira (Record) detalhes sobre a tiragem inicial e a vendagem da obra, constatei que quase nenhum wiccano brasileiro ao menos ouviu falar dela. Precisamos considerar, no entanto, que 1969 era um ano propício, nos EUA, à publicação de obras de caráter contracultural, falando sobre magia, nudez e sexo ritual e religiões não-cristãs. Já em 1977, no Brasil ainda oprimido por uma ditadura militar, apoiada em bases católicas, o panorama era completamente diferente...

No final dos anos 1980, foi publicado no Brasil, com grande sucesso, o *best-seller* de Marion Zimmer Bradley, *As Brumas de Avalon*. Feminista e neopagã, a autora recontava nos quatro volumes dessa obra a saga do Rei Arthur, segundo um ponto de vista que contrapunha a antiga “religião da Deusa” pagã ao cristianismo invasor. Se não fazia nenhuma referência direta à Wicca, por outro lado *As Brumas* despertou em incontáveis leitores a simpatia e a curiosidade sobre a existência efetiva de uma religião da Mãe, anterior ao cristianismo.

Mas foi preciso esperar 13 anos após o livro de Holzer para que outra obra viesse a ser publicada no Brasil tratando especificamente sobre Wicca. Em 1990, surgiu nas livrarias brasileiras a tradução do conhecidíssimo *O poder da bruxa*, de Laurie Cabot. Conhecida como a “bruxa oficial de Salem, Massachusetts”, Cabot já transcendera em muito a noção inicial da “religião das bruxas” de Gardner e lançara a Wicca no mercado religioso da Nova Era. Tudo o que constava no seu livro – porta de entrada para milhares de wiccanos brasileiros – enquadrava-se perfeitamente no padrão de consumo rápido da busca por uma espiritualidade feminina ou avessa ao patriarcalismo judaico-cristão.

O coordenador e consultor editorial da série Somma, dentro da qual foi lançada pela editora Campus o livro de Laurie Cabot, foi o primeiro autor brasileiro a escrever uma obra falando de Wicca: ninguém menos que o famoso Paulo Coelho. Em seu livro *Brida*, também de 1990, “Wicca” não é uma religião ou tradição, mas o nome de uma sacerdotisa da “Tradição da Lua” que vai se encarregar de instruir uma jovem irlandesa, chamada Brida, interessada em aprender magia. No entanto, em diversos pontos da obra de Paulo Coelho é possível encontrar paralelos claros, se não com a bruxaria de Gardner, pelo menos com o livro de Laurie Cabot que ele acabara de editar.

A partir de 1991, começaram a surgir nas livrarias brasileiras, cada vez com maior constância, traduções de obras específicas sobre Wicca, como o *Autobiografia de uma Feiticeira*, de Louis Bourne. Mas em 1992 surge o primeiro livro de um autor brasileiro que fala diretamente sobre Wicca, de forma não romanceada: trata-se de *A Cozinha da Bruxa*, da carioca Márcia Frazão. As referências, nesse livro, ainda são discretas, mas a próxima obra da autora, *Revelações de uma Bruxa*, de 1994, já se enquadra perfeitamente na categoria dos “manuais de bruxaria” que começavam a surgir nas prateleiras das livrarias brasileiras.

Márcia Frazão, no entanto, nega ter sido, em qualquer momento, praticante da Wicca, embora seja considerada por muitos uma espécie de decana da bruxaria no Brasil. Segundo ela, teria conhecido a Wicca nos EUA, na década de 1980, quando residira naquele país. Ao regressar para o Brasil, teria utilizado a temática wiccana nas suas primeiras obras como uma forma de resgatar e valorizar tradições ancestrais, ao deparar-se com o “paraíso esotérico” no qual havia se transformado Nova Friburgo, onde reside até hoje. Segundo ela,

quando eu vim pro Brasil e fui pra Friburgo, de repente eu vi que Friburgo tinha virado um "paraíso esotérico". O povo via duende pra todo lado, tinha dentista tirando foto pra enxergar duende. Eu pensei: esse povo tá louco... Um lugar no meio do mato, cheio de rezadeiras, mateiros, pessoas que têm uma formação e uma informação tradicional, e neguinho fica aí nessa barafunda. Aí eu comecei a dar uma olhada no que essa galera lia aqui no Brasil e a perceber que eu tinha amiga que botava maçã pra duende comer na cozinha. Na minha escola, naquilo que eu fui formada, isso é loucura! Neguinho botando iogurte no jardim pra duende e uma porrada de criança passando fome. Eu falei: tenho que fazer alguma coisa.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Márcia Frazão, em entrevista telefônica ao autor, datada de 10/06/2012.

Para sermos justos, o que Márcia Frazão preconizava nos seus primeiros livros era justamente uma adaptação para os moldes brasileiros da Wicca praticada nos EUA, portanto diferente do que viria a implantar-se, nos anos seguintes, como a corrente principal da Wicca praticada no Brasil.

Como vimos, portanto, no início dos anos 1990 já existia uma certa quantidade de obras publicadas no Brasil falando especificamente sobre Wicca ou pelo menos fazendo referências a ela ou a uma “religião da Deusa”. Mas existe algum indício real de que, nessa época, já haveria grupos praticando a Wicca no Brasil?

Surge aqui o dilema do historiador: como o detetive que se debruça sobre um caso particularmente complicado, ele deve se ater ao que é palpável, verificável. Pelo menos até que novas evidências surjam e conduzam a investigação para outras direções. Dessa forma, o que posso afirmar *até o presente momento* é que não. Não existe nenhum indício de grupos praticando Wicca no Brasil antes do início dos anos 1990.

O que é possível afirmar é que, desde 1974, havia pelo menos um alto-sacerdote gardneriano no Brasil: o Sr. Mario Martinez, iniciado no *coven* de Annie Tyler, em Newcastle, na Inglaterra, quando lá residia. No entanto, segundo ele próprio me afirmou, apenas retomou sua prática em um *coven* após iniciar a própria esposa, em 1994. O lapso de 20 anos deveu-se às rígidas regras da tradição gardneriana, segundo as quais não se pode iniciar um *coven* sem a existência de pelo menos um sacerdote e uma sacerdotisa. Além disso, segundo essas mesmas regras, Martinez nunca tornou públicas as suas práticas.

Portanto, nem os primeiros autores brasileiros sobre Wicca nem o primeiro sacerdote estabelecido no Brasil deram início a uma prática “pública” da religião no país. Nada impede que outras pessoas, até aqui anônimas, o tenham feito, mas cabe deixar de lado as conjecturas e concentrar-se no que é efetivamente possível de rastrear: o momento em que a Wicca passou a ser *divulgada* no Brasil e, dessa forma, a recolher adeptos.

Nesse sentido, minha pesquisa aponta diretamente para um grupo surgido em São Paulo, nos primeiros anos da década de 1990, e que se articulava em torno da loja inicial da franquia Além da Lenda, apoiado e incentivado pela sua proprietária, a empresária Heloísa Galvês.

Esse grupo era formado, a princípio, por Roberto Carvalho, Wagner Périco, Denise de Santi e Michaela Enguel. Posteriormente, uniram-se a estas Patrícia “Fox” e

Cláudio “Crow” Quintino, que acabaram por criar sua própria loja esotérica, assim como Cláudia Hauy e outras pessoas que compartilhavam o interesse pelo esoterismo, ocultismo e bruxaria.

Desses, Roberto Carvalho foi, provavelmente, o precursor. No entanto, parcialmente devido a sua morte prematura em 1999, há pouca informação objetiva sobre ele. Foi descrito por todos que o conheceram com quem manteve contato como uma pessoa extremamente carismática, profundo conhecedor da bruxaria e outros assuntos ligados ao esoterismo e à parapsicologia, e dono de ideias visionárias. Segundo Cláudia Hauy, um desses projetos seria a criação de uma comunidade pagã no Brasil, nos moldes da *Findhorn Ecovillage* escocesa, com a qual mantinha contato.

Em termos de documentação sobre ele, restaram umas poucas entrevistas em programas de TV, como aquela concedida à Isabel Vasconcelos, no programa “Condição de Mulher”, da Rede Mulher de TV, em meados da década de 1990. Além disso, uma longa entrevista foi filmada por seu filho, o fotógrafo André Olivetto, em 1997, para um trabalho de faculdade de uma amiga. Essas entrevistas dão uma clara noção do seu pensamento a respeito da bruxaria.

Embora em momento algum use a palavra Wicca para definir as suas práticas, o conteúdo dos seus depoimentos é, indiscutivelmente, associado a ela. Para Roberto, ser bruxo não era algo que exigia algum tipo de qualidade especial, mas simplesmente uma opção religiosa, acessível a todos que desejassem. Considerava a bruxaria como um resgate da religiosidade celta e da sabedoria feminina tradicional, que estaria na origem da medicina popular. A importância dada por ele ao “resgate do feminino” fica clara nas diversas alusões à bruxaria como uma “religião da Deusa Tríplice”, que seria claramente distinta da Nova Era, visto esta última admitir ou aceitar qualquer divindade como válida, sendo que praticamente todos os panteões possuíam um deus – masculino – superior.

A história da aproximação com a bruxaria dos demais membros deste grupo inicial de praticantes e divulgadores é semelhante. Todos já possuíam, desde muito tempo, interesse em magia e/ou esoterismo e, de uma forma geral, achavam-se desconfortáveis com as opções religiosas tradicionais.

Denise de Santi conta que foi criada como católica e que “tinha medo de centro espírita”<sup>6</sup>. A partir de 1985, no entanto, já havia começado a se interessar por

---

<sup>6</sup> Informações passadas a este pesquisador em entrevista telefônica, em 16/01/2013.

esoterismo e ocultismo, e um episódio curioso a fez voltar-se para a Wicca: enquanto aguardava uma encomenda de livros relacionada a seu trabalho, observava as estantes na livraria e um livro “caiu na sua cabeça”. Era “O Poder da Bruxa”, obra já citada de Laurie Cabot, ainda na versão em inglês e não na tradução brasileira. Como esse livro foi publicado em 1989 nos EUA, podemos estabelecer este ano como sendo o do início da ligação de Denise com a bruxaria.

Denise aparenta ser a mais mística desse grupo inicial. Após a leitura do livro de Cabot, afirma ter conhecido “outra bruxa” numa de suas viagens a São Tomé das Letras e iniciado um *coven* próprio, cuja orientação ritual e espiritual lhe era transmitida através de sonhos onde se encontrava com uma deusa, que mais tarde descobriu ser Lilith<sup>7</sup>. Posteriormente, já reunida ao grupo que se articulava na Além da Lenda, foi uma das pioneiras a dar entrevistas na televisão sobre Wicca, tendo sido, inclusive, desaconselhada a fazê-lo por Roberto Carvalho, que temia que ela fosse perseguida em sua vida profissional.

Wagner Périco, da mesma forma que Denise, foi apresentado à bruxaria pela leitura de um livro, no caso o “Autobiografia de uma Feiticeira”, de Louis Bourne, o qual ele comprou assim que foi lançado<sup>8</sup>. Pela data de publicação da tradução deste livro no Brasil, chegamos ao consenso que sua descoberta da Wicca se deu em 1991 e, após a leitura dessa obra e de outras que se seguiram, ele fez um ritual de auto-iniciação e passou a buscar contato com outros bruxos. A partir de um anúncio publicado por Michaela Enguel, ainda usando seu nome civil – Maria Tereza Rodrigues – na revista Planeta, Wagner reuniu um grupo de estudos que veio a tornar-se o Coven Phoenix, em 1992.

Já Michaela Enguel, nome adotado por Maria Tereza Rodrigues, não deixa claro a forma pela qual travou seus primeiros contatos com a bruxaria. Apenas afirma que pesquisava sobre o assunto desde os 12 anos de idade:

Sempre fui uma buscadora, descontente com a religião dos meus familiares, que era muito repressora e machista. Mesmo criança eu me lembrava de outras vidas e sabia da existência de uma Deusa, mas ninguém explicava isso em minha família. Eu sou bruxa solitária e auto-iniciada, que me considero uma bruxa devocional.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Divindade feminina da mitologia babilônica, referida na Cabala como sendo a primeira mulher de Adão.

<sup>8</sup> Informações passadas a este pesquisador através de correspondência datada de 20/01/2013.

<sup>9</sup> Correspondência ao autor datada de 24/01/2013.

Ela afirma não se lembrar da associação entre o Coven Phoenix e Roberto Carvalho, embora conhecesse o seu trabalho, mas admite que a intenção do *coven* era divulgar a Wicca no Brasil.

Portanto, em meados da década de 1990, já havia um grupo estabelecido de seguidores da Wicca em São Paulo, que orbitava em torno da sede da Além da Lenda, na rua Dr. Melo Alves, no bairro Jardins. O papel de Heloisa Galves, proprietária da loja, parece ter sido primordial, uma vez que, segundo os depoimentos, ela não apenas disponibilizava o espaço da loja para encontros, palestras e cursos, como conseguia o material de estudo para o grupo através da importação de livros, especialmente da editora norte-americana Llewellyn, especializada em esoterismo. Foi através das atividades desse grupo de pioneiros que a Wicca passou, gradativamente, a conquistar algum espaço na mídia brasileira, antes de começar a ser exposta de forma mais abrangente pela Internet. Foi desse grupo, igualmente, que surgiu a primeira ideia de legalizar a religião no Brasil, com o projeto da Igreja de Bruxaria do Terceiro Milênio (IBTM), o qual foi interrompido pela morte de Roberto Carvalho.

Esse grupo de pioneiros na divulgação da Wicca no Brasil tinha características comuns, que acabaram por influenciar na forma como a religião foi se estabelecendo no país. Uma delas era o interesse por diversas práticas místicas e esotéricas anterior à descoberta da Wicca. Outra era o desconforto, em níveis variados, em relação às religiosidades tradicionais, normalmente descritas como “não suprimindo sua busca espiritual”. No entanto, nesses aspectos não existe, efetivamente, uma distinção entre esse grupo pioneiro de wiccanos e outros adeptos de religiões alternativas, seja onde for.

O que torna distintivo esse núcleo a partir do qual a religião começou a ser divulgada é a forma como seus participantes travaram seus primeiros contatos com ela. Nos Estados Unidos, a Wicca foi disseminada, inicialmente, a partir de pessoas que possuíam algum tipo de ligação com os fundadores ingleses, como, por exemplo, foi o caso de Raymond Buckland, tido como o fundador do primeiro *coven* gardneriano naquele país. Ou seja: pessoas que haviam sido formalmente iniciadas na religião, dentro dos moldes tradicionais e que, dessa forma, possuíam alguma ligação direta com o trabalho original de Gerald Gardner. Apenas num momento posterior, com a popularização, surgiram grupos que não possuíam esse elo.

Já aqui no Brasil, como vimos, a Wicca começou a ser divulgada por pessoas que não possuíam qualquer treinamento formal dentro da religião. Sem exceção, todos os precursores eram auto-iniciados, que adquiriram seus primeiros conhecimentos



através de livros, livros estes que já aludiam a uma Wicca popularizada e eclética. As próprias obras inaugurais de Gardner – *Bruxaria Hoje* e *O Significado da Bruxaria* – apenas foram traduzidas e publicadas no Brasil tardiamente, entre 2003 e 2004.

Portanto, esses precursores reuniram-se em grupos de estudo para sistematizar os conhecimentos adquiridos por conta própria e passaram a divulgá-los de acordo com suas próprias conclusões ou intuições. Nesse processo, pode-se dizer que se tornou “institucional” aquilo que eram, em suma, percepções pessoais.

Com a rápida evolução da Internet no Brasil, em fins dos anos 1990, e a simultânea criação das primeiras entidades, como a Arawicca, em pouco tempo a religião irradiou-se a partir de São Paulo para outras capitais brasileiras, *já com características particulares*, que refletiam escolhas, posturas e entendimentos peculiares aos primeiros praticantes e divulgadores. Rapidamente, também, surgiram lideranças que acabaram, de certa forma, por eclipsar o trabalho daqueles pioneiros e imprimir suas marcas pessoais em suas próprias legiões de adeptos e seguidores. Mas, a despeito disso, não houve um desvio significativo nas ideias inicialmente difundidas, conforme a religião adentrava o século XXI e o número de adesões crescia exponencialmente.

Por fim, é importante lembrar que, ao longo do processo de difusão, outro importante fator entrou em jogo para que a Wicca se estabelecesse no Brasil da forma como ela se estabeleceu: as características peculiares da religiosidade popular brasileira, essencialmente sincrética, fator cultural que não pode ser, de forma alguma, desprezado.

No entanto, a análise das particularidades da Wicca, conforme praticada popularmente no Brasil, foge ao escopo deste artigo. Aqui, busquei relatar, de forma resumida e tão somente, o processo inicial de implantação e divulgação dessa religião no país, conforme pude apurar, e cuja compreensão considero essencial para o entendimento do processo de formação cultural que o sucedeu. Tanto a apresentação daquelas particularidades quanto a análise desse processo serão abordadas em outros artigos específicos.